

A pequenada do Festival de Cultura

Notícias, Recreio e divulgação, 27.08.2016, 11, 29.824

ALCIDES TAMELE,
na Beira

LONGE de casa, amigos e demais familiares mais próximos, muitos são os casos de crianças, adolescentes e jovens que aceitaram o desafio de participar na fase final da IX edição do Festival Nacional de Cultura, que decorre nas cidades da Beira e Dondo, em Sofala.



Esta pequenada marca diferença no festival

Algumas estão com os pais, irmãos ou outros encarregados que lideram os grupos. Mas outras são meras aventureiras que, na emoção daquilo que fazem, acabaram se distinguindo nas suas províncias e, por conta disso, seleccionadas para este

festival. Independentemente da idade e do género, estes petizes não se fazem de rogados e deixam transparecer as suas opiniões e ideias sobre a presença nesta que é a maior montra das artes e cultura do país. E dançam para valer. Cada uma das províncias tem

sempre um integrante mais velho e um outro que é o mais novo. Por exemplo, a mais nova da delegação de Cabo Delgado é Jacinta Augusto, com 12 anos de idade, sendo o mais velho Horácio Ntchamoko, de 76 anos de idade, e dançarino de mapiko. O Niassa tem Ana Maria Ra-

chide, com cinco anos de idade, como a mais nova, enquanto o mais velho chama-se Saíde Omar Cauno, com 64 anos. A província de Nampula tem Lucrécia Nicuia, de 10 anos de idade, que é a mais nova, e Josefa Machado, de 57, como a mais velha artista. Marito Damião, de 54 anos

de idade, é o mais velho da província da Zambézia, e Tay da Hélia Moreira, de 13 anos, a mais nova. Tete faz-se representar por Milagrosa Joázzinho Makhenze, nove anos de idade, a mais velha, e Damitário Bureza Jaisse é o mais velho da delegação, com 64 anos de idade.

Elisa Mário, de oito anos de idade, é a mais nova representante da delegação de Manica, enquanto João Manuel, de 64 anos, é o mais velho.

A anfitriã Sofala tem no mais novo artista Paulina Anibal, de 13 anos, e Ussura Moisés Simango, de 68 anos de idade, a mais velha. Na região sul do país, Inhambane conta com Benalda Jacinto Tembe e Alexandre Lúcia como os artistas mais novos da delegação, e Fernando Rungo, 74 anos, é o artista mais velho. Gaza levou Celestina Salomão Ngovene, como a mais nova, e Elisa Simbine, a mais velha. Arnaldo André Cossa, 14 anos de idade, e Fernando Macamo, 54 anos, são o mais novo e mais velho da cidade de Maputo, respectivamente. A província de Maputo levou Tela Cuna, de dez anos, como a artista mais nova, enquanto João Tsawane, veste a camisola de mais velho, com 72 anos.

A nossa dança previne casamentos prematuros



Delfina Lino

NUMA conversa traduzida, Delfina Lino revelou que começou a dançar porque não quer ser obrigada a casar-se antes do tempo, tal como aconteceu com outras crianças da sua zona residencial, no distrito de Muidumbe, na província de Cabo Delgado.

“Não sabemos porque obrigam as pessoas a casar, mas eu quero ir para a escola e um dia ser médica. Sei que é difícil, mas se meus pais não me obrigarem a casar eu vou estudar e dançar”, conta a menina de 13 anos, que dança malipa.

O coordenador do grupo de artistas de Cabo Delgado, de onde vem Delfina Lino, explicou que essa é a intenção do grupo. “Nós fazemos tudo para prevenir casamentos prematuros e incentivar as crianças a continuarem a estudar e seguir seus sonhos e um dia poderem ser felizes à sua maneira”, disse, acrescentando que: “Acreditamos que as mensagens chegam aos nossos interlocutores porque a cada dia vão diminuindo os casos de meninas que são obrigadas a casar no nosso bairro ou mesmo no distrito.



Moisés Mário

Em casa todos dançam mukapha

MOISÉS Marcos tem 14 anos de idade e é membro do Grupo de Mukapha de Chibabava, um distrito da província de Sofala, onde está a decorrer o IX Festival Nacional de Cultura. O menino conta que aprendeu a dançar em casa com o pai, Samuel Marcos, e todos os quatro irmãos mais velhos.

“Frequento a 2.ª Classe porque comecei a estudar muito tarde. Em casa todos só dançam e eu também acabei aprendendo a dançar com os meus irmãos mais velhos. Vou continuar a estudar e a dançar”, revela Marcos.

Explicou que, para além de ir à escola, a sua obrigação é cuidar das actividades domésticas e garantir que todas as coisas coram bem na sua casa, de modo que os irmãos não encontrem motivos para se emburrar com ele.

“Fomos dançar no nosso bairro e todos acreditaram em nós. Acabamos por chegar ao distrito e depois à província, e agora estamos aqui”, disse o jovem.

Com relação à logística disponibilizada, Moisés refere que para uma actividade que junta muitas pessoas é difícil conseguir agradar a todas as pessoas. “Conseguimos comer o que nos dão e não podemos reclamar. É preciso reconhecer o trabalho que eles fazem”, acrescenta.

Uma experiência diferente

COM 19 anos de idade, sete dos quais dedicados ao xigubo, Telma Cunha afirma que esta manifestação artística marcou a vida dela por ter sido instruída por alguém que faz parte da sua vida, a avó paterna.

Estudante da Escola Secundária de Chókwè, na província de Gaza, município onde reside, Telma conta que

aprendeu a dançar em casa, mas foi com um professor que se aperfeiçoou na Academia de Dança e Cultura (ACADESCU).

Deixou os pais, no Chókwè, e partiu com um grupo de amigos e colegas para a cidade da Beira de modo a participar na fase final deste evento.

“É uma experiência diferente. Nunca

viajei para fora da província de Gaza, por isso está a ser uma experiência diferente, que me permitiu conhecer novos amigos e saber que para além do xigubo há outras danças que despertam interesse”, conta Telma Cunha.

Sobre as condições de acomodação e alimentação disponibilizadas pela organização do festival, conta que nos

primeiros dias houve problemas devido ao tipo de comida que tiveram, mas agora as coisas estão a correr bem.

“Tivemos casos de problemas de indigestão e de diarreia resultantes da alimentação. Reclamámos e agora a comida melhorou e não podemos nos queixar. Dormimos em condições adequadas”, acrescentou.